



Revista **Saúde em Redes** (ISSN 2446-4813), v. 7, Supl. 1 (2021).

O território COnVIDa a reexistir: ensaios e narrativas sobre respostas à pandemia nos pontos de atenção nos territórios onde a vida acontece

DOI: 10.18310/2446-48132021v7n1Sup.3618g803

RELATO DE EXPERIÊNCIA

(Capa: Márcio Mariath Belloc)

Construindo o próprio chão: narrativas de reinvenções da docência universitária na pandemia

Constructing the own ground: narratives of university teaching reinventions in the pandemic

Luciane Maria Pezzato

ORCID:0000-0002-3591-1491

Doutora em Saúde Coletiva pelo Departamento de Saúde Coletiva da FCM/Unicamp. Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS

E-mail: luciane.pezzato@unifesp.br

Anita Burth Kurka

ORCID: 0000-0003-2498-2232

Doutora em Serviço Social pela PUC/SP, Docente do Curso de Serviço Social e do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS

E-mail: anita.kurka@unifesp.br

Patrícia Martins Goulart

ORCID: 0000-0002-5080-9241

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS

E-mail: p.goulart@unifesp.br

Simone Aparecida Ramalho

ORCID: 0000-0003-0002-1875

Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS.

E-mail: simone.ramalho@unifesp.br

Adriana Rodrigues Domingues

ORCID: 0000-0002-6884-0095

Doutora em Psicologia Social. Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS.

E-mail: adriana.domingues@unifesp.br

Juarez Pereira Furtado

ORCID: 0000-0001-6605-1925

Doutor em Saúde Coletiva. Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS.

E-mail: jpfurtado@unifesp.br

Sheila de Melo Borges

ORCID: 0000-0002-1675-0952

Doutora em Ciências (Psiquiatria) pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS e Universidade Santa Cecília, Santos/SP.

E-mail: sheilambfisiio@gmail.com

Maria de Fátima Ferreira Queiróz

ORCID: 0000-0003-2701-3939

Doutora em Saúde Pública. Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS.

E-mail: fatima.queiroz@unifesp.br

Helton Saragor de Souza

ORCID: 0000-0002-3074-6386

Doutor em Ciências. Docente do Eixo Trabalho em Saúde do Instituto Saúde e Sociedade/UNIFESP-BS.

E-mail: hs.souza@unifesp.br

Resumo:

Relato de experiência de um grupo de docentes do Instituto Saúde e Sociedade da Unifesp, campus Baixada Santista, sobre processo vivido durante o período inicial de suspensão do calendário acadêmico em decorrência da pandemia de Covid-19. O propósito é compartilhar reflexões sobre iniciativas coletivamente construídas e implementadas no período de março a agosto de 2020 e suas repercussões no processo formativo. As ações evidenciaram novas formas de ensinar, aprender e cuidar, que contribuíram sobremaneira para a construção posterior de debates e iniciativas comuns na instituição e na reestruturação das unidades curriculares subsequentes para a retomada do calendário acadêmico. Ao mesmo tempo, observou-se relatos de intensa frustração, exaustão e incertezas diante do que se apresentava em nossas vidas e na sociedade.

Palavras-Chave: Narrativa; Ensino Superior; Ciências da Saúde; Educação a Distância; Ação integrada de saúde; SARS-CoV-2.

Abstract:

Experience report, by a group of professors from the Instituto Saúde e Sociedade at Unifesp, in Baixada Santista campus, on the process experienced during the initial period of suspension from the academic calendar, resulting from the Covid-19 pandemic. The purpose is share reflections on initiatives collectively constructed and implemented from March to August 2020 and their impact on the training process. The actions showed new ways of teaching, learning and caring, which greatly contributed to the subsequent construction of debates and common initiatives in the institution and to the restructuring of subsequent curricular units to resume the academic calendar. At the same time, there were reports of intense frustration, exhaustion and uncertainty regarding what was presented in our lives and in society.

Keywords: Narrative; Higher Education; Health Sciences; Distance Education; Integrated Health Action; SARS-CoV-2.

Pensando bem, Axl, acho que talvez você tenha razão naquilo que vive dizendo. É muito esquisito mesmo como o mundo está esquecendo das pessoas e de coisas que aconteceram ontem ou anteontem. É como se uma doença tivesse contagiado a todos nós.

(Kazuo Ishiguro, 2015)¹.

Introdução

Às consequências mundialmente compartilhadas da pandemia de SARS-CoV-2, desde março de 2020, no Brasil, veio se somar uma crise política decorrente da chamada Bio(necro)política, que segue em curso. Gallo^{1:457} afirma que, em nosso país, “durante a pandemia iniciada em 2020, vimos juntar-se, no mesmo território, as duas tecnologias de poder: a biopolítica e a necropolítica”. O cenário de cortes orçamentários e ampla desqualificação da imagem da universidade pública², por meio de pronunciamentos baseados no negacionismo em relação ao papel do conhecimento e do discurso falacioso sobre as atividades das universidades³, se traduziu concretamente em bloqueio de 30% da verba de custeio das instituições de ensino superior do país e suas sérias e inevitáveis consequências⁴.

Decisões políticas tomadas na esfera federal nos últimos cinco anos têm trazido consequências irreparáveis para nosso sistema educacional em geral e para as instituições de ensino superior, em particular. Por outro lado, a reação ao processo de deslegitimação do setor educacional tem exigido a construção de espaços de resistência e invenção para nos mantermos coerentes com nossos valores e direção ético-política, por meio de nossas práticas. O enfrentamento do desmonte dos serviços públicos e da retração dos direitos sociais

¹ Ishiguro K. O gigante enterrado. São Paulo: Companhia das Letras; 2015.

faz parte de um processo formativo de estudantes, docentes e técnicas(os)ⁱⁱ, constituindo verdadeiro compromisso social ao qual nos alinhamos e procuramos espelhar nossas iniciativas pedagógicas⁵.

Neste contexto — de ataque aos pilares de sustentação financeira e institucional das Instituições Federais de Ensino Superior e de limitações perpetradas pela pandemia — perdemos o chão das salas de aula, dos corredores e dos espaços do *campus*, das ruas e dos espaços de sociabilidade das cidades, dos trajetos, de um correr da vida acadêmica onde se materializava o que fora planejado nos tempos anteriores, delineado como um futuro, à época. Questões essenciais e urgentes nos atravessavam: como estaria a vida do coletivo de estudantes? Quais seriam as novas condições nos territórios nos quais exercíamos a formação? O que teria se tornado o cotidiano das pessoas com quem convivíamos em nossos módulos? Como estariam as pessoas que trabalham na ponta dos sistemas de saúde, assistência e educação, parceiras de nossas iniciativas de formação? Qual o nosso papel, como universidade e como um Eixo, em um cenário como esse? Como preservar, e mesmo fortalecer laços, entre esses coletivos neste momento, distantes fisicamente e *sem chão*?

A busca por garantir a continuidade da prática docente levou à condução de frentes de trabalho — inicial e aparentemente — contraditórias aos nossos valores. Havia um entendimento da importância da universidade manter suas atividades como forma de enfrentamento e resistência à deslegitimação do conhecimento e à verdadeira asfixia econômica oriunda do modelo ultraliberal e sua política de austeridade e congelamento de verbas. Tal resistência implicou na assunção de práticas de ensino remoto, denominadas Atividades Domiciliares Especiais (ADE). Apesar de sua convergência, em alguns aspectos, com Ensino a Distância (EaD), não são equivalentes. Efetivem-se mediadas por tecnologias digitais as aproximam, porém conforme alerta Charczuk⁶, o ensino remoto deve ser considerado uma ação pedagógica e não uma modalidade educativa. Sem desconsiderar a complexidade do tema e a necessária crítica aos modos como nos foi imposto sustentar espaços para o ensino, a aprendizagem e o exercício da docência nesse contexto, a intenção aqui não é debater quais destas formas de ensino garantem ou não a proposta didático-pedagógica. Concordamos com Charczuk^{6:3} quando defende que são “os modelos teóricos conceituais que sustentam tais formas”.

O contato virtual se mostrava a via de interação possível e quase exclusiva entre a comunidade universitária, naquele momento. Mas seguíamos com criticidade e atenção aos riscos do trabalho e ensino remotos: os impactos econômicos da pandemia e o uso acentuado de recursos tecnológicos poderiam acentuar a precarização dos direitos trabalhistas e intensificar a carga de trabalho. O contexto era de conflito entre nossos valores e as práticas que se apresentavam como alternativas, naquele momento. Um processo de criatividade e solidariedade surgia como exigência incontornável e saída ao impasse no qual nos encontrávamos, alinhando-nos a “uma força que brota ali mesmo onde se encontra a situação”^{7:8}.

Um ponto comum foi, então, estabelecido: as atividades a serem oferecidas deveriam ser espaço de acolhimento, oferecer conteúdo crítico ao momento social e sanitário do país, aprofundar relações com a comunidade e dialogar com a realidade de discentes. Assumimos o ensino remoto numa perspectiva de redução de danos⁸, tendo em vista que “as melhores respostas à pandemia não vieram dos governos ou dos ministérios da educação, mas antes de professores que, trabalhando em conjunto, foram capazes de manter o vínculo com os seus alunos para os apoiar nas aprendizagens”^{9:9}.

Nossa proposta é compartilhar reflexões sobre iniciativas coletivamente construídas e implementadas no período de março a agosto de 2020 e suas repercussões no processo formativo. São narrativas de um grupo de docentes do Eixo comum Trabalho em Saúde (TS), no período de impacto inicial de suspensão das atividades presenciais em razão da pandemia. O Eixo tem aproximadamente 700 estudantes, por semestre, de seis cursos do Instituto Saúde e Sociedade (ISS) da Unifespⁱⁱⁱ: Educação Física, Fisioterapia, Nutrição,

ⁱⁱ Neste artigo, fizemos a opção pelo uso da linguagem inclusiva de gênero com intuito de não excluir ou invisibilizar nenhum grupo e sem alterar o idioma como o conhecemos.

ⁱⁱⁱ A estrutura curricular dos cursos do ISS é composta por quatro Eixos, sendo três deles comuns e um específico a cada área

Psicologia, Terapia Ocupacional e Serviço Social. Esperamos registrar, analisar e refletir sobre a prática de formação a partir de uma situação extrema do ponto de vista social, político e sanitário.

O caminho das escolhas

O relato que foi vivido e experienciado por este grupo de docentes será compartilhado, por meio de narrativas dessa experiência. Por sua vez, integram e alimentam estas narrativas registros realizados em atas de reuniões institucionais, fragmentos de mensagens veiculadas via rede de computadores e anotações pessoais, compondo um mosaico desse processo. Por narrativas, compreendemos “uma forma artesanal de comunicação”^{10:205}, que não está interessada em contar os fatos em si, mas os acontecimentos marcantes do que foi experienciado.

Destacamos a diferença entre vivência e experiência¹⁰. A primeira seria algo pontual, de restrita ou quase ausente duração no tempo; a segunda, a experiência, seria aquilo que por alguma razão nos afeta, gerando potencial transformador. Isso pode exigir tempo para interagir com o que se apresenta, espaços para que se perceba os efeitos dos afetos suscitados e finalmente prazos para elaborá-los. Como, então, experienciar justamente aquilo que se caracterizou por ser abrupto, intenso e marcado pelo ritmo acelerado, em todos os níveis? Mais do que nunca, vivenciávamos sobremaneira a compressão de espaço e tempo¹¹. Os frequentes contatos virtuais, paradoxalmente, acentuavam a sensação de isolamento e de certa incomunicabilidade.

Não há pretensão de abordar as inúmeras dimensões do que foi vivido e experienciado, mas buscamos comunicar, de modo artesanal, aquilo que deixou sua marca e que, por meio de nossas elaborações, vão ganhando status de experiência.

Mudando de mundo

Nossa primeira reunião *online* se deu logo após a suspensão oficial das aulas presenciais da graduação. Estávamos abaladas(os), com muitas incertezas sobre o que poderia acontecer. O quadro institucional da semana anterior não era mais referência. Subitamente habitávamos outro mundo, vivíamos um tempo que se escoava ininterruptamente diante de nossas telas. Novas portarias e iniciativas das instâncias de gestão interna (Câmara de Graduação, Direção Acadêmica, Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD), etc.) demandavam decisões, ações e informações diuturnamente, envolvendo prazos que não permitiam tempo de elaboração. Como seria de esperar, não sabíamos ao certo a duração do tempo que ainda viveríamos confinados neste cenário de muitas incertezas, pairando vã esperança de três ou quatro meses de reclusão e ensino em modo remoto, e posterior retorno à condição anterior...

O mundo conhecido se dissolvia à nossa vista, exigindo reinvenções do cotidiano, das relações pedagógicas e dos mais banais ritos institucionais. Tudo isso exigia outro papel político-pedagógico de docentes. Como responder às muitas questões e inseguranças trazidas por estudantes? Com quais recursos contaríamos, considerando o contexto, em curso anterior à pandemia, de restrição acentuada do orçamento das universidades públicas? Como saber e eventualmente intervir nas vicissitudes que assolavam a vida privada e familiar do coletivo de estudantes, afetado inclusive pelas perdas das chamadas bolsas de permanência^{iv}?

Constituímos verdadeiro mutirão em torno das demandas provenientes da PROGRAD relativas às especificações de Unidades Curriculares (UCs) em condições de serem ofertadas em formato remoto. Juntamente a essas especificações, urgia definir as principais metodologias e recursos didáticos que seriam utilizados, plataformas para interação síncrona e assíncrona, dentre outros. Especial desafio era constituído

de formação.

^{iv} Programa de Bolsa Permanência, Portaria MEC nº 389/2013. Ação do governo federal para concessão de auxílio financeiro a estudantes em situação de vulnerabilidades (Unifesp - Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, 2018).

pela necessidade de identificar, fazer contato e estabelecer soluções para estudantes com dificuldades de acesso à Internet.

Como forma de agir diante dessa situação, pedimos ajuda à monitoria e à secretaria de graduação, constituindo especial empenho no contato com estudantes matriculados nos módulos sob nossa responsabilidade. Era central nossa preocupação em acolher vivências e questões de estudantes, em contexto de incerteza sobre a duração das mudanças impostas. E pairava a grande questão: o quê, quando e como fazer efetivamente junto do corpo discente?

O conjunto de docentes do Eixo TS se manteve favorável à realização de oficinas internas, com maior tempo para debates e articulações sobre o futuro e construção de planos de formação. Nos primeiros dias de suspensão — fixados em 30 dias — utilizávamos frequentemente, entre nós, a metáfora do caminhar em chão movediço. Foi aí que iniciamos mapeamentos e espaços de conversas virtuais para proporcionar encontros e trocas, tanto quanto possível, sem pressionar estudantes por participação nas atividades. Afinal, desconhecíamos a situação em que se encontravam e todo cuidado era bem-vindo. Esse movimento inicial de aproximação, diálogo e acolhimento representou importante possibilidade de aproximação entre nós, docentes e discentes.

Migrávamos de mundo, tanto quanto possível, coletivamente e buscando não soltar a mão de ninguém. Nesse momento, o pressuposto era o de cuidado com a saúde, as vidas de todos(as) e cada um(a), emergindo como pilar de nossas ações, mais do que nunca. Tal cuidado se sobrepunha às exigências de conteúdos específicos, avaliação por notas e verificação de presença.

Transversalizando nossas ações

Em 09 de abril, foi decidida (na câmara de graduação) a oferta de ações transversais no campus, ou seja, implementação de atividades de caráter interdisciplinar, abordando diferentes assuntos, sob distintas perspectivas e abertas a toda comunidade acadêmica, fora da grade curricular convencional. Para isso, a referida câmara enviou formulário para captar sugestões e propostas. No Eixo TS foram constituídos grupos de trabalho (GTs), inicialmente compostos exclusivamente de docentes do núcleo TS^v.

Enquanto as diretrizes institucionais sobre a continuação ou não da suspensão das atividades acadêmicas não se firmavam — e informações consolidadas sobre estudantes eram coletadas via questionário enviado pela PROGRAD —, o Eixo TS decidiu manter contato com estudantes e também com profissionais de serviços parceiros. Passamos a pensar ações para amplo envolvimento, incluindo pessoas das comunidades e territórios acompanhados em nossos módulos. Desejávamos compartilhar conhecimentos sobre o vírus e suas consequências, abrir espaços de escuta, acolhimento, ao mesmo tempo dando visibilidade às ações da universidade na pandemia.

Não por acaso, em um mundo no qual a virtualidade ganhava forças, começamos pela retomada do *blog* do Eixo TS, ferramenta inicialmente concebida para a comunicação entre estudantes e monitoria. Decidimos transformá-lo em *site*, ampliando significativamente sua envergadura: notícias, interação, comunicação e articulação das muitas facetas dos módulos que compõem o Eixo.

Nossas propostas de ações transversais foram apresentadas gradativamente em vários fóruns do Instituto, abrindo espaços de discussão e ampliação da composição dos GTs, contribuindo com a construção coletiva dessas ações. Como todo processo coletivo e propositivo, em épocas de acentuadas incertezas, não foi fácil sustentar a construção coletiva de propostas, permeadas de diferenças, debates e contraposições. Nesse processo, agregaram-se protagonistas dos demais cursos e instâncias do Instituto, finalmente atingindo uma composição diversificada e para além de disciplinas específicas.

^v O Eixo TS tem um grupo de docentes nucleares, lotados especificamente no Eixo. A execução dos módulos ocorre na composição com docentes dos Eixos Específicos.

A paulatina agregação de colegas dos demais eixos permitiu a transformação da proposta inicial — de “ações” — em projetos de extensão devidamente formalizados e submetidos à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEC). Nesse processo, as propostas iniciais de trabalhos com estudantes assumiram formato de atividades complementares. Findo esse imbricado e dialógico processo, estabelecemos propostas materializadas em quatro ações transversais: o Espaço Virtual do Eixo TS; Ciclo de Narrativas; Praças Virtuais, e o Apoio às Redes e Serviços. Apresentadas a seguir.

Espaço Virtual do Eixo TS

Como relatado anteriormente, iniciamos com a expansão do *blog* do Eixo TS, criado em 2014 com o propósito de auxiliar a comunicação entre docentes, técnicas(os), monitoria e estudantes, no que se referia às orientações pedagógicas dos nossos módulos. No contexto da pandemia, a proposta foi ampliar essa ferramenta para aproximar a universidade da comunidade, podendo contribuir na vida das pessoas em tempos de distanciamento social, dentre outras ações. Compreendíamos a importância de disseminar informações sobre a pandemia e combater inverdades contidas nas chamadas *fake news*, o que nos levou a readequar a dinâmica do *blog*, visando ampliar a interatividade, associado à ampla divulgação da iniciativa via Whatsapp, Facebook e Instagram.

Em um mês conseguimos organizar grande parte das atividades planejadas para o *site*, como o compartilhamento de conteúdos articulados com os temas trabalhados no Eixo TS (artigos científicos, eventos, filmes, documentários, livros, redes de apoio); narrativas de docentes, estudantes e comunidade em geral; divulgação das atividades *online* propostas pelo Eixo e pela universidade. Os conteúdos foram sendo refinados ou modificados à medida que o espaço virtual era acessado e, aos poucos, foram se adequando também às questões de acessibilidade, considerando que estudantes com deficiência estavam ainda mais vulneráveis no período de pandemia.

Posteriormente, a proposta foi cadastrada como projeto de extensão aberto à participação da comunidade acadêmica, inovando ao incluir o grupo completo de docentes em um mesmo projeto, pois, tradicionalmente, as propostas extensionistas ficam a cargo de um(a) docente responsável. Ressaltamos que essa plataforma não constitui estratégia de valorização do ensino à distância, assumindo apenas as oportunidades de complementar a formação presencial. Tais ferramentas tornaram possível diversificar o espaço da sala de aula, complementar as estratégias presenciais, interagir e participar em grupos de discussão fora do espaço físico da universidade.

Diante do cenário presente, o mundo digital constituiu possibilidade de ampliar a capacidade comunicativa de nossos conteúdos, de problematizar a realidade atual por meio da articulação com outros temas e provocar reflexões para além do espaço (mesmo que virtual) das salas de aula. O lugar de mediação desses conteúdos continua sendo de responsabilidade do corpo docente, indicando e incentivando o uso do material de apoio disponibilizado no *site* e direcionando o debate às problemáticas apresentadas pelo contexto atual, pois, “é a problematização que possibilita a análise crítica da realidade”¹².

O espaço virtual do Eixo TS se manteve após a retomada do calendário acadêmico no link: <https://tsmonitores.wixsite.com/meusite/>, contribuindo com ampliação das formas de comunicação e conexão entre universidade e comunidade.

O ciclo de Narrativas

Uma segunda iniciativa se materializou em torno de um ciclo de palestras que chamamos “Narrativas em tempos de isolamento social”, inspiradas no módulo “Encontros e Produção de Narrativas”, oferecido no 3º e 4º semestres dos cursos, que prima pela escuta sensível às condições de vida e demandas em saúde, por meio da palavra narrada e de pessoas usuárias das unidades de saúde e assistência social da cidade de Santos.

A proposta, inicialmente compartilhada com docentes do Eixo TS, buscou o fortalecimento e manutenção dos vínculos com discentes e profissionais dos serviços parceiros no contexto pandêmico. Queríamos ouvir e contar sobre aquele momento caracterizado por fortes dores e perdas, mas também que poderia conter novas possibilidades de vida e resistência. Quem se disporia a narrar o seu momento pandêmico? Como as pessoas que trabalham na Saúde têm lidado com o isolamento social?

Partimos do pressuposto de que a reflexão crítica sobre os diferentes modos de contar uma mesma história amplia a autonomia no pensar, sentir e agir diante da vida, visto que as grandes narrativas não são isentas de ideologias¹³. A biomedicina, por exemplo, engendra uma determinada concepção de saúde, que atravessa e produz narrativas singulares, porém sempre recortadas entre seus estreitos e objetivos limites. Que outras concepções de saúde se abrem para além da perspectiva biomédica? E como estas nos afetam?

Nessa direção, resgatamos um livro recém organizado por iniciativa do Eixo TS — “Narrativas de si: Práticas em Educação e Saúde”¹⁴ — que inclui tanto docentes quanto profissionais da rede de Saúde de Santos, para constituir o pano de fundo dos encontros em torno do narrar e de narrativas. O ciclo de palestras ocorreu no período entre 7 e 28 de maio de 2020, com quatro encontros a cada semana, de duas horas de duração, ofertados de modo independente, mas articulados entre si. As palestras abordaram desde o ponto de vista conceitual, com atenção aos significados das narrativas em Saúde e Educação, até temas relacionados aos sonhos e qualidade do sono, corpos e alimentos, em seus aspectos objetivos e simbólicos. A proposta em torno de narrativas se estendeu para além da comunidade universitária e, por meio de ampla divulgação digital e registro no Sistema de Informações de Extensão, vinculado à PROEC, foi acessado e efetivamente incluiu pessoas de outras inserções na sociedade.

Embora nominados de “palestras”, o que pode evocar a busca de transmitir em “mão única”, primamos pela interação dialógica e vivências teórico-práticas, que se encontram disponíveis no nosso *site*: <https://tsmonitores.wixsite.com/meusite/narrativas-de-si>.

Além de refletir criticamente sobre a conjuntura epidemiológica, incentivamos participantes a narrarem sobre os sentimentos despertados no contexto de isolamento, através da escrita (de si) ou outras tecnologias propostas por palestrantes. “Escrever é uma tarefa de saúde e o escritor é médico de si próprio e do mundo”^{15:14}. Em momento no qual cuidar de si e igualmente do mundo tornou-se uma equação inescapável, as narrativas, mais uma vez, nos mostraram sua potência como meio de elaboração e zelo do escritor consigo e com as demais pessoas, por meio da memória, da elaboração da experiência e da troca e interação.

As Praças Virtuais

A proposta foi direcionada a estudantes, docentes, técnicas(os) do ISS e trabalhadoras(es) dos serviços da saúde e assistência da região, sendo a inscrição aberta a quem se interessasse. As praças virtuais possibilitaram abordagens interdisciplinares em discussões críticas e qualificadas frente às informações de massa e das redes sociais que priorizavam (e continuam a priorizar) o recorte biomédico, sintetizado na ideia da propagação viral em corpos orgânicos a serem resolvidos com isolamento, aparelhos tecnológicos e medicamentos, excluindo as demais tecnologias já comprovadas no campo da Saúde Coletiva, nacional e internacional, presentes nessa situação.

Inicialmente, elaboramos temas contemporâneos da relação social em saúde no período da pandemia, na realidade brasileira, com conteúdos predeterminados por docentes. No primeiro encontro, abordamos a dimensão das condições de vida e saúde da população e a realidade do cotidiano de profissionais de saúde e da assistência social. A metodologia e conteúdo ganharam outros contornos no processo, sendo conduzida por um grupo de trabalho que se reunia semanalmente com aproximadamente 20 integrantes, com especial protagonismo de estudantes e docentes.

Foram seis encontros, com frequência semanal, reunindo cerca de 300 pessoas a cada encontro, com três a quatro pessoas convidadas, que realizavam abertura dos debates e provocações, com transmissão de vídeos, relato de experiências de trabalhadoras(es), indicação de materiais prévios disponibilizados no *site* do Eixo, assim como informações de serviços de saúde da região e socialização de iniciativas e campanhas de solidariedade. A participação de estudantes foi majoritária.

As atividades foram se alterando gradativamente de algo predeterminado para formas compartilhadas. Os conteúdos temáticos do segundo ao sexto encontro passaram a ser definidos pelas pessoas que participavam, por meio de formulários interativos. Assim, as temáticas foram diversificadas, construídas a partir de interesse coletivo, ocorrendo de “forma invertida” ao modo regular acadêmico, porém, mantendo a perspectiva crítica acerca do conjunto de relações associadas à pandemia.

A discussão nas praças não se propôs ao desenvolvimento de conclusões sobre a complexidade do período, contudo, estudantes, trabalhadoras(es) da rede e docentes esboçaram a compreensão e a intervenção em temas candentes.

Apoio às Redes e Serviços

A suspensão das atividades presenciais retirava-nos o chão dos serviços de saúde, da assistência e da cultura, às ruas e territórios onde ensinamos e aprendemos sobre o trabalho em saúde, o chão em que vivem as pessoas que escutamos e das quais cuidamos. Um primeiro movimento, ainda supondo brevidade no afastamento, foi contatar aproximadamente 20 serviços que esperavam nossa chegada, para compartilharmos a nossa condição, ter notícias de como estavam e manter abertos os canais de comunicação para planejarmos um possível retorno.

Na sequência, conforme recebíamos notícias da gravidade das condições de vida nos territórios e das situações enfrentadas nos serviços, decidimos criar um GT de Apoio às Redes e aos Serviços, como parte de nossas ações transversais. Lançada a ideia em reunião do Eixo TS, agregaram-se prontamente 15 docentes e quatro estudantes de Eixos Específicos e do Eixo TS, em torno de preocupações comuns: como apoiar serviços de saúde no enfrentamento do grave cenário que se abateu sobre nós e como contribuir nos territórios com estratégias de enfrentamento da situação de emergência instaurada.

Em nossas primeiras discussões, já despontavam observações importantes: 1) a constatação de um silêncio na comunicação com os serviços, aparentemente envoltos em uma espécie de perplexidade com o cenário pandêmico; 2) de nossa parte, o espanto com os rumos da condução das ações de enfrentamento da pandemia no país por parte do governo, negligenciando a potência e a capilaridade da atenção básica e da proteção social básica no âmbito do cuidado, da proteção social e da contenção da transmissão do vírus, apostando de forma descoordenada e insuficiente na atenção hospitalar aos casos agravados de Covid-19; 3) notícias de diversas redes comunitárias organizadas nas cidades por movimentos sociais, lideranças comunitárias, entidades da sociedade civil para mobilizar ações de cuidado e solidariedade ativa, mas sabíamos pouco sobre essas iniciativas em Santos.

Como estratégia, fizemos um amplo convite para os serviços e profissionais com quem temos parceria — no Eixo TS, nos estágios, nas atividades de pesquisa e extensão — para uma roda de escuta das necessidades e circunstâncias que emergiam. Juntaram-se ao coletivo da universidade cerca de 16 profissionais dos serviços públicos. Grandes rodas de conversa foram realizadas, na busca de fortalecimento e de saídas coletivas. Trabalhadoras(es) também enfrentavam a experiência de estarem *sem chão*, porque também elas(es), paradoxalmente, estavam distantes dos territórios, em trabalho remoto ou em isolamento no interior dos serviços, com fluxos e agendas canceladas, sem equipamentos de proteção, sem norte. Mantinha-se a ausência de notícias sobre redes de mobilização popular nos territórios, contava-se sobre pouca articulação entre serviços e comunidade.

Elencamos duas ações prioritárias: 1) construção de oficinas de apoio a apoiadores, avivando espaços de escuta e busca de estratégias para fortalecer a atenção básica e a proteção social básica no enfrentamento à pandemia; 2) criação de um mapa colaborativo e amplamente acessível sobre as iniciativas de solidariedade ativa que estivessem se organizando na Baixada Santista, hospedado no *site* do Eixo TS com o objetivo de aproximar serviços e comunidade e de aproximar a própria comunidade da Baixada Santista das possibilidades de cuidado e apoio.

Em um processo que já se fez em rede, no desarranjo de nossos lugares e papéis tradicionais, teceu-se uma grupalidade horizontal que buscou, naquele mar de demandas, de silenciamento e desalento, estratégias coletivas. Para docentes e estudantes, o apoio aos serviços e às redes devolveu certo *chão* para pisar — a produção da saúde na companhia de quem enfrentava o vendaval pandêmico e a possibilidade de fazer *junto*, ativando redes e estratégias de cuidados de proximidade¹⁶. Para os serviços, ouvíamos que a universidade se oferecia como um *chão* em que se podia pensar junto e buscar saídas, um amparo. Para a comunidade e redes de solidariedade ativa, um *chão* para tornar visível no mapa a potência popular de se organizar, de fabricar apoio coletivo.

De ação transversal proposta pelo Eixo TS, deriva-se para um Projeto de Extensão, formulado a muitas mãos e tecido a cada encontro — o Projeto Fortalecendo Redes Territoriais de Cuidado no Enfrentamento à pandemia de Covid-19 na Baixada Santista, que vem, complexificando suas ações nos territórios da cidade de Santos, produzindo novas composições e sustentando uma rede afetiva na travessia desses tempos, convidando novamente a pensar naquelas mesmas perguntas que fazíamos nos idos de 2020: qual o papel da universidade e da formação em saúde no contexto da pandemia? Fortalecer redes vem nos ensinando, pelo menos, que no chão das cidades e de seus territórios, encontraremos boas pistas para responder essas perguntas.

Pistas para análise de nossas reinvenções

Nossa proposta, desde o início, foi construir espaços virtuais de conversa e acolhimento com estudantes, docentes e serviços, pensando modos de elaborar e resistir conjuntamente. A partir destes espaços, poderíamos saber como estudantes estavam tocando suas vidas, se precisavam de algum apoio específico ou mesmo urgente. A cada passo, propusemo-nos reavaliar nossas ações, acompanhando o movimento que mudava a cada dia.

Percebemos que era necessário dar maior atenção aos estudantes ingressantes, pois desconheciam a dinâmica de funcionamento da universidade e, como esperado, detinham menos referências e balizadores para se organizar em sua nova condição na universidade. Comentavam que a aproximação com docentes acalmava muitas angústias e, para isso, foram sugeridas a formação de pequenos grupos no *whatsapp* e envio de *e-mail* às turmas, além da utilização do nosso *site*. Nossas ações possibilitaram conversas e discussões, assim como problematizamos informações sobre a pandemia e seus impactos, com debates de aspectos formativos e não apenas informativos. E talvez tenha sido esta uma estratégia, por excelência, do que vimos apresentando: o investimento muito mais na formação, dialógica e interativa, do que na informação e orientação, normalmente de caráter unidirecional.

Nessas interlocuções, mantivemos atenção para cuidar de possíveis constrangimentos, pois havia estudantes que não dispunham de locais apropriados para participação de atividades on-line, em suas casas. Desse modo, ficou acordado que seria aceito que, quem desejasse ou precisasse, poderia manter suas câmeras ou microfones desligados. Pudemos refletir, com o corpo discente, sobre nossos processos formativos neste contexto pandêmico, considerando que esse momento tendia a se alongar e causar mudanças permanentes, também no modo de produzir saúde, e nos perguntamos: que novas estratégias pedagógicas de formação deverão ser adotadas para manter estudantes sensíveis aos quadros de vulnerabilidade?

Nesse âmbito, a atuação de discentes que integravam a equipe de monitoria foi fundamental. A implementação e relativo sucesso das ações transversais criadas se devem ao conhecimento e manejo das ferramentas digitais por parte da monitoria, o que implicava desde a criação do novo *layout* e da edição do *site*, até a organização das turmas via grupos de *whatsapp*, elaboração de cartazes, materiais de apoio e mediação nas atividades realizadas. Porém, mais do que o apoio logístico e técnico, a presença da monitoria representava uma espécie de aval às iniciativas e, ao mesmo tempo, nos ajudavam a moldá-las à linguagem e reais interesses de estudantes.

Considerações finais

Sabemos que há várias maneiras de se narrar uma história. Esta foi uma delas. Para não ficar esquecida, para marcar nossa resistência, para continuarmos existindo e resistindo. As iniciativas aqui retomadas e discutidas, muitas vezes, não seguiram normas preestabelecidas e instituídas. Procuramos criar outras formas de ensinar, de viver, de se relacionar com outras sensibilidades e percepções. Muitas vezes negadas pela “história oficial”, nossas narrativas se pretendem produtoras de acontecimentos, de registros que nos marcaram e de ressonâncias que esperamos que continuem a reverberar nos tempos vindouros.

Debruçamo-nos sobre formas possíveis de acessar as experiências vividas por estudantes, profissionais, grupos, municípios e por quem usa os serviços. Procuramos também, garantir a lógica transversal e o caráter interdisciplinar que abarca a matriz curricular dos cursos, os quais possibilitaram discussões sobre diferentes temáticas, assim como, envolveram a relação com os serviços e a formação permanente em saúde.

Todo o aprendizado, oriundo da interação e reflexão conjuntas, foram decisivos para o enfrentamento do desafio de transpor o conjunto de nossas disciplinas ao formato digital e não presencial, na retomada do primeiro semestre em agosto de 2020.

A crise experimentada durante a pandemia e aqui narrada, colocou em movimento outras formas de apreensão e elaboração das nossas práticas formativas, como também, identificamos movimentos que se caracterizaram como oportunidades para ampliar o caráter interdisciplinar do Projeto Político Pedagógico (PPP) do ISS. Até então, talvez nunca tivéssemos experienciado, de modo coletivo, os princípios básicos educacionais constantes na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394¹⁷: universalidade, qualidade e democracia, que constituem também premissas das iniciativas de nosso campus.

Apesar desses avanços, foi necessário pensar politicamente sobre o lugar do PPP do campus nas questões de transversalidade. A pandemia convocou novas respostas e formas de atuar da universidade, em direção à expansão das atividades extensionistas que já marcavam a atuação do nosso campus. Outro movimento foi identificar a essencialização de conteúdos dos módulos do Eixo TS oferecidos anteriormente, para que fossem priorizados e tivessem ressonância com os desafios do momento que se apresentava, sendo retomados e referenciados nas atividades desenvolvidas durante este período. Movimentos que convocaram, ao corpo docente e discente, o exercício de elaborar atividades conjuntas e dialogadas entre os Eixos e o desejo de que essas conquistas pudessem permanecer no período pós-pandemia.

Destacamos que o processo inicial de isolamento, imposto pela pandemia, trouxe inseguranças e angústias a nós docentes e interferiu no nosso modo de vida, trabalho e saúde. Fomos levados da sala de aula presencial ao confronto com processos de comunicação e aproximação em tempos pandêmicos, a partir das telas de nossos computadores. O desenvolvimento das ações nesse primeiro instante foi importante também para convivermos no dia a dia, mesmo que de forma remota, e permitiu a aproximação com nossos pares de trabalho e estudantes. Porém, as atividades desenvolvidas de forma remota se intensificaram e o custo da carga de trabalho foi (e permanece) penosa com o desenvolvimento das ADE.

A trajetória ainda está em curso. Por meio deste texto, plantamos uma semente de registro, reflexões e elaborações. Novos passos nos são exigidos e, com eles, a invenção de terrenos que os sustentem.

Referências:

1. Gallo S. Bio(necro)política. In: Fiss DML, Uberti L. Quarentenário pequeno breviário dos tempos de pandemia. *Revista Textura: Revista de Educação e Letras*. 2021 Jan.-Mar.; 23(53):447-514.
 2. Leher R. Universidade Pública Federal Brasileira: Future-se e a guerra cultural como expressões da autocracia burguesa. *Educação & Sociedade*. 2021; v. 42, e241425. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/TSQSX7dwJVVGyYW8bVFmWYm/>
 3. Serafim MP. Compreendendo o atual momento da educação superior brasileira: cultivando a mais lúcida consciência. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*. 2019; 24(2). [citado em 2021 Ago. 16]. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/3715>.
 4. ANDES - Sindicato Nacional dos docentes de instituições de ensino superior. MEC corta 30% do orçamento de universidades e institutos federais. [03 de maio de 2019]. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/mEC-corta-30-do-orcamento-de-universidades-e-institutos-federais1>
 5. Lourenço EAS, Lacaz FA, Goulart PM. Crise do capital e desmonte da Previdência no Brasil. *Soc. Soc.* 2017 Set.-Dez.; 130:467-486.
 6. Charczuk SB. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. *Educ. Real*. 2020 Out.-Dez.; 45: 4- e109145. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/?lang=pt&format=pdf>.
 7. Hermann N. A aprendizagem da dor. *Educ. Real*. 2020 Out.-Dez.; 45: 4- e110033. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/xXhWkXpFvXz9Xgqywk8RNRP/?format=pdf>
 8. Fernandes SF, Nunes RJA, Almeida Neta AG, Menezes HF, Melo KCO, Freitas RJM, Soares TCM, Silva RAR. O uso do ensino remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19: experiência de docentes na educação superior em enfermagem. *Revista Saúde em Redes*. 2021, 7, supl. 1. [citado em 2021 Jul. 12]. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3239/608>.
 9. Nóvoa A. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. *Revista Com Censo #22*. 2020 Ago.; 7(3):08-12.
 10. Benjamin W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. 1st ed. São Paulo: Brasiliense; 1985. p. 197- 221.
 11. Harvey D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Arrablume; 2005.
 12. Freire P. *Pedagogia do Oprimido*. 42nd ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
 13. Cunha MAA. Narrar a minha experiência ou como buscar o lirismo em tempos de incertezas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*. 2020; 5(16):1535-1548, Edição Especial.
 14. Goulart PM, Pezzato LM. *Narrativas de si: Práticas em Educação e Saúde*. Porto Alegre: Editora Rede Unida; 2020. Disponível em: <http://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Livro-Narrativas-de-Si.pdf>
 15. Deleuze G. A literatura e a vida. In: Deleuze G. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34; 1997. p. 11-17.
 16. Seixas CT, Merhy E, Feuerwerker LCM, Slomp Junior H, Cruz KT. A crise como potência: os cuidados de proximidade e a epidemia pela Covid-19. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*
-

[online]. 2021, 25, supl. 1. [citado em: 2021 Jun. 24]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200379>.

¹⁷. Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF; 20 de dezembro de 1996. p. 27839.

Como citar: Pezzato LM *et al.* Construindo o próprio chão: narrativas de reinvenções da docência universitária na pandemia. **Saúde em Redes**. 2021;7 (Supl.1). DOI: 10.18310/2446-48132021v7n1Sup.3618g803

Recebido em: 24/08/2021

Aprovado em: 03/11/2021
